

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

11, 12 e 13 de maio de 2011

Auditório Rio Datacenter (RDC), PUC-Rio

O design vernacular nos espaços contemporâneos

Claudia Francia do Amaral e Leila Lemgruber Queiroz

PUC-Rio

claudiafrancia@gmail.com | leilalemgruber@globo.com

Artigo apresentado durante o Simpósio

IX Simpósio Interdisciplinar do LaRS: palavras e coisas

Rio de Janeiro: Departamento de Artes e Design, PUC-Rio, 2011.

ISBN: 978-85-99959-12-1

www.simposiodesign.com.br

Esta obra é protegida pela lei de direitos autorais

Em consideração aos princípios que vêm sendo adotados pelo LaRS, não há um formato padrão para os arquivos, respeitando-se as características individuais.



Departamento de Artes & Design

O design vernacular nos espaços contemporâneos

Vernacular design in contemporary spaces

Amaral, Claudia Francia do; Mestranda em Design; Puc-Rio
claudiafrancia@gmail.com

Queiroz, Leila Lemgruber; Doutora em Design; Puc-Rio
leilalemgruber@globo.com

Resumo

O objeto deste artigo é uma reflexão sobre os espaços dos botequins da cidade do Rio de Janeiro. Será contemplado o conceito de design vernacular, entendido como uma vinculação a algo nacional, próprio de uma região, popular. O termo é usado com a intenção de designar a produção de design nacional, na qual difere da definição de design produzido por indivíduos formados por instituições legitimadoras da profissão. A intenção é apresentar uma análise dos simulacros construídos a partir da apropriação destes espaços vernaculares e sua representatividade nos diversos contextos sociais contemporâneos.

Palavras Chave: design vernacular; simulacro; botequim.

Abstract

The object of this paper is a reflection about the spaces of the bars of the city of Rio de Janeiro. It will cover the concept of the vernacular design, viewed as a link to something national, typical of a region, popular. The term is intended to designate the national production design, which differs from the design produced by individuals trained by the legitimating institutions of the profession. The intention is to present an analysis of simulacrum built from the appropriation of these vernaculars spaces and their representativeness in the various contemporary social contexts.

Keywords: vernacular design simulacrum; bars of Rio de Janeiro.

O design vernacular nos espaços contemporâneos.

O Brasil, mais especificamente o Rio de Janeiro, é conhecido no exterior por seus botequins, assim como a França é conhecida por seus bistrôs e a Inglaterra por seus pubs. Estes estabelecimentos surgiram com a abertura dos armazéns portugueses no Rio de Janeiro do século XIX. O Dicionário Michaelis da Língua Portuguesa, afirma que o termo português botequim vem do italiano “botteghino” e pode significar casa de bebidas, casa de pasto de categoria inferior, café. Em Portugal, a palavra “botica” era usada para definir o comércio de secos e molhados que vendia mantimentos e miudezas, o mesmo significado que se atribui à bodega espanhola. Eventualmente, para alguns etimólogos, o termo se origina no provençal *botica*, do grego apothêkê.

A partir desta breve introdução, iniciamos este artigo exercendo um primeiro olhar sobre o design vernacular dos botequins da cidade do Rio de Janeiro. Portanto, para que seja possível um melhor entendimento sobre esta questão é necessário discorrer sobre o conceito vernacular. Podemos aqui afirmar que o campo delimitado pelo design vernacular não aponta um estudo acadêmico prévio. O campo é criado a partir da cultura popular, da região em que ele está inserido. Assim sendo, difere do design dito “culto”, que possui a legitimação dos meios acadêmicos. Apesar de serem concebidos de modos diferenciados, são espaços que convivem com a mesma sociedade, em um mesmo período, atendendo as necessidades de grupos sociais distintos.



Figura 1: Bar Bracarense, Rua José Linhares, Leblon

Importante ressaltar que em um ambiente vernacular os artefatos industrializados, produzidos muitas vezes por designers ditos acadêmicos, se fazem presente. A partir desta análise, acentuamos que neste cenário o que lhes confere características populares é traduzido pela maneira como são utilizados e como a composição dos espaços é elaborada.

Os botequins contemporâneos que são projetados por designers, arquitetos, ou seja, pessoas que a sociedade culta, com formação acadêmica, respalda como aptas a elaboração do espaço, têm como proposta estudar o “programa do projeto”. Análise do espaço, das pessoas, da localização, da investigação e do mapeamento da demanda do grupo social para qual está sendo elaborado o novo botequim são variáveis, dentre tantas, que compõem o levantamento considerado como atitude *a priori* de um projeto.

Cabe aqui também apontar a execução destes espaços utilizando-se o sistema de franquias, na qual existe um modelo que é reproduzido, como cópia em qualquer lugar em que os estudos de prospecção acusem a necessidade de um novo negócio.

Retornando nossa reflexão sobre botequins contemporâneos, muitas vezes denominados de novos, entendemos que são espaços de convivência que atendem a vários aspectos sociais, podendo até serem considerados espaços característicos da *boa conversa*.

Porém, o que pretendemos colocar em pauta neste artigo é o fato destes botequins se apresentarem como simulacros dos populares. Verificamos que no panorama contemporâneo, todos têm o mesmo conceito, porém, cada qual possui sua própria identidade.

O design vernacular nos espaços contemporâneos.

Sobre os simulacros Baudrillard¹ afirma que: *Já não se trata de imitação, nem de dobragem, nem mesmo de paródia. Trata-se de uma substituição no real dos signos do real (...).*

*Dissimular é fingir não ter o que se tem. Simular é fingir ter o que não se tem. O primeiro refere-se a uma presença, o segundo a uma ausência.*²

Os botequins da cidade do Rio de Janeiro, os ditos “pé – sujo”, podem ser uma representação do estilo de vida do carioca, ou a caricatura desse modo de viver. O carioca típico seria aquela pessoa descontraída, boêmia, que gosta de jogar conversa fora com os amigos, de ir ao bar e tomar um chope bem gelado. Temos como imagem, o mulato de palheta e camisa listrada batucando um samba na mesa de bar. Estes lugares também possuem signos que o imaginário social identifica como sendo de botequim. Como exemplo pode-se citar a mesa de tampo de mármore com as suas cadeiras de madeira. O espaço típico também deve ter um balcão onde são expostos os quitutes. As paredes tanto podem ser forradas de azulejos como também apresentar, em pinturas, paisagens cariocas. Há inclusive um estilo de pintura típico para botequins.

Os botequins “da moda” são os simulacros do jeito carioca de ser, ou seja, tentam reproduzir o ambiente vernacular apropriando-se dos seus símbolos mais conhecidos. Transformando estes simulacros na Disneylândia carioca. Para Baudrillard a Disneylândia *é um modelo perfeito de todos os tipos de simulacro confundidos.*³ Esta representa o “*american way of life*”.

Na contemporaneidade o estilo de vida carioca reificou-se e se tornou um produto de troca comercial. Podemos ver estes espaços reproduzidos em outros estados do Brasil e também no exterior (figura 2).

¹ BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e Simulações, Lisboa, Relógio d’água, 1991.p.9

² *Ibidem*,p.9

³ *Ibidem*,p.20



Figura 2: Botequim Carioca, Berlim

Porém, o botequim que hoje conhecemos pode ser considerado uma *tradição inventada* para atender a nossa sociedade de consumo. De acordo com Hobsbawm⁴, o termo tradição inventada refere-se a um conjunto de práticas que pode ser apresentada como sendo de natureza ritual ou simbólica. Mas, através da repetição, estas práticas, inculcam valores e normas comportamentais que nos remetem a uma linha contínua de volta ao passado.

Sendo assim, pode-se dizer que os novos botequins são ambientes que reproduzem um estilo de vida despojado, porém totalmente controlado, ou seja, seguro para quem o frequenta. São locais confortáveis, em que normalmente a comida é de boa qualidade e o ambiente aponta certa indicação da distinção social em relação aos já proclamados vernaculares. Alguns até possuem estacionamento. Portanto, a frequência é de uma camada social considerada mais privilegiada do que nos vernaculares, inclusive com a presença maior de mulheres. Toda a ambiência é projetada para que o indivíduo que o frequenta sinta-se pertencendo a este estilo de vida, porém, distante dos perigos e incertezas que cercam os botequins vernaculares.

⁴ HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

O design vernacular nos espaços contemporâneos.

Os espaços contemporâneos se adaptaram à sociedade atual, que também pode ser definida como sociedade do espetáculo. Através do pensamento de Guy Debord⁵ podemos ampliar o conceito desta sociedade, dita do espetáculo. De acordo com o autor, o espetáculo não pode ser considerado um complemento ao mundo real e sim, *o coração da irrealidade da sociedade real*. Sua escolha, como modelo da vida socialmente dominante constitui um vetor já formatado na produção e mais adiante no processo do consumo. Sendo assim,

A forma e o conteúdo do espetáculo são a justificação total das condições e dos fins do sistema existente. O espetáculo é também a presença permanente desta justificação, enquanto ocupação principal do tempo vivido fora da produção moderna.

A questão norteadora deste artigo está direcionada na problematização do significado destes espaços para os agentes contemporâneos. Desta forma, introduzimos o conceito de espaço através do geógrafo Milton Santos⁶. A ênfase que aqui se coloca ao espaço, não corresponde a uma mera delimitação, mas a dimensões de ordem econômica, social, política e cultural. A natureza do espaço encontra-se, assim, formada *pelo resultado material acumulado das ações humanas através do tempo, e, de outro lado, animado pelas ações atuais que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade*.

Apesar da sociedade, em certas situações, transformar a organização dos espaços através de processos dinâmicos e disruptivos, o que pretendemos colocar à mostra se esbarra na permanência de formas espaciais com algumas *pinçeladas pós-modernas* para que estejam inseridas nos ares da contemporaneidade. Contudo, esses espaços, considerados como representações sociais, renovados, convivem com aqueles ditos vernaculares.

⁵ DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo
<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>, 2003. p.9 e p.10

⁶ SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

Podemos, inclusive, assinalar aqueles botequins localizados em shoppings (figura 3) que fogem totalmente da raiz vernacular, mas atendem a demanda comercial: ele precisa estar em um ambiente que tenha o apelo de “paraíso na terra”. De acordo com este cenário construído, o individuo contemporâneo não tem a preocupação em *ser*⁷, ele é um acumulador, quer *ter*, e, mais ainda, ele quer *parecer*. Neste caso, ressaltamos o desejo de pertencimento a um grupo ou comunidade através da permanência em um dado território.

O espaço aqui considerado, botequim, representa neste desdobramento um processo de representação e de resistência social. Mas este mesmo espaço, povoado de artefatos e configurações, se presta a imprimir distinções sociais.



Figura 3: Botequim Informal (Shopping Leblon)

Contudo, quando acentuamos o verbo *parecer*, nos reportamos a todos os valores simbólicos que norteiam um campo determinado. Neste caso, os valores simbólicos representados por todos os artefatos e a própria configuração do espaço, expressam a identidade do local. Algumas características constroem esta identidade. Por exemplo, o ambiente do botequim é sempre um espaço informal e de tamanho reduzido. Nos botequins entendidos aqui como vernaculares, nota-se que não há preocupação na ordenação do espaço de maneira convencional. São organizados seguindo uma lógica própria. As garrafas estão colocadas em prateleiras mais não

⁷ FROMN, Erich. Ter ou Ser? Rio de Janeiro, LTC, 2008

O design vernacular nos espaços contemporâneos.

expostas como no botequim “projetado”. Normalmente as peças que compõem o botequim vernacular são organizadas apenas por setorização, ou seja, cada objeto tem o seu lugar sem a preocupação com uma estética formal.

Porém, este território também nos remete a outro processo dinâmico em nossa sociedade: aparecer, estar junto, *jogar conversa fora*. Desta forma, o que se discute, neste artigo, é a permanência na tão falada pós-modernidade, de hábitos que exigem uma ambiência e de uma família de artefatos que legitimem este território. E, para tanto, instalamos simulacros para satisfazer nossos desejos que se encontram perdidos, em algum tempo, em alguma esquina.

(...) Pois os bares nascem, vivem, parecem eternos a um determinado momento, e morrem. Morrem numa quarta-feira, como diria Mário de Andrade. O obituário dessas casas fica registrado no livro de memórias. Recordá-los, os bares mortos, é contar a história de uma cidade. Melhor, é fazer o levantamento das cidades que passaram por dentro de uma única cidade. Mesmo num lugar como Paris, que apesar dos pesares procura preservar a imagem histórica, os cafés de Leon-Paul Fargue não foram os cafés de Alphonse Daudet, e este não respirou a atmosfera dos cafés de Stendhal. (...)

Os bares morrem numa quarta-feira

Paulo Mendes Campos

Referências bibliográficas

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulações**, Lisboa, Relógio d'água, 1991.

CARDOSO, Fernanda de Abreu. **Design Gráfico Vernacular: a arte dos letristas**.
Dissertação de Design PUC - Rio, 2003.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**
<http://www.ebooksbrasil.com/eLibris/socespetaculo.html>, 2003

HOBBSAWM, Eric. RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro:
Paz e Terra, 1984.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção /**
Milton Santos. - 4. ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.